

Testemunha-chave depõe e incrimina Darly

LEÃO SERVA
Enviado especial a Xapuri

O terceiro dia do julgamento de Xapuri iniciou os depoimentos das primeiras entre as doze testemunhas. A primeira a falar, às 8h12, foi um escravidão do fórum da cidade, que viu o réu Darly Alves da Silva, 54, ameaçar Chico Mendes cerca de um mês antes de sua morte. A segunda, a principal testemunha de acusação, foi o menino Genésio Ferreira da Silva, 15. Em seu depoimento, ele incriminou Darly como mandante do crime cometido e confessado por seu filho Darcy Alves Pereira. E desfilou um rosário de



CHICO MENDES

crimes praticados na fazenda Paraná, onde morava com a família de Darly.

Genésio entrou na sala do júri às 8h55. Seu depoimento começou com uma advertência do juiz, que lembrou que a mentira em juízo é crime. Foi uma ponderação formal. Menor de idade, Genésio é inimputável. Se falou mentiras, não poderá ser processado por isso.

O depoimento de Genésio contradiz vários aspectos da confissão de Darly na quarta-feira. Ele afirma que Darly, depois de matar Chico Mendes, foi para sua casa, na fazenda em Xapuri. O réu, na confissão, dizia que tinha ido para Brasília, à casa de uma tia. Segundo o menino, ao chegar correndo em casa, Darly disse ao pai: "O homem está morto".

Ainda segundo Genésio, Darly chegou acompanhado de um outro morador da fazenda, empre-

gado, conhecido ali como Serginho Mineirinho, mas cujo nome real é Jandair. Ele também é réu, acusado pela morte de Chico Mendes, mas está foragido desde a época do crime e, por isso, não pode ser levado a júri.

Genésio morou sete anos na sede da fazenda Paraná. Sua irmã é casada com Olocy Alves, filho de Darly. Criado e querido pela família, segundo diz, foi um observador privilegiado de tudo que acontecia. Poucos dias depois da morte de Chico Mendes, ele foi preso, apesar de ser menor. Durante os dias que passou na cadeia, decidiu contar tudo o que sabia. É a principal arma da acusação para tentar provar ao júri que Darly Alves da Silva mandou matar Chico Mendes. Genésio descreveu, além da morte de Chico Mendes, outros sete homicídios que diz terem sido praticados por membros da família e empregados.

Sentença deve sair só hoje

Do enviado especial

A sentença dos réus acusados de matar o sindicalista Chico Mendes, Darcy Alves Pereira e Darly Alves da Silva, só deve ser anunciada hoje à noite. O juiz de Xapuri, Adair Longuini, acredita que ela deve ser anunciada às 20h locais (23h em Brasília e São Paulo).

A leitura de peças, ou trechos do processo, demorou mais do que o previsto. Esta fase do julgamento ocupou todo o segundo dia de julgamento, na quinta-feira.



Habitante de Xapuri, com seu porco do mato, na frente do fórum

Veredito do júri não pode ser reformado

LUÍS FRANCISCO CARVALHO Fº
Enviado especial a Xapuri

A decisão dos sete jurados de Xapuri (AC) não poderá ser modificada. Está prevista para hoje, após os debates entre a acusação e a defesa. O júri é soberano. O veredito dos jurados é a única decisão judicial que não pode ser reformada por uma instância superior.

Somente a pena fixada pelo juiz, no caso de uma condenação, pode ser revista pelo Tribunal de Justiça do Acre. Há recursos, mas objetivam um novo julgamento.

O júri é anulado quando não há o cumprimento de defesa, quando se rompe o princípio da incommunicabilidade dos jurados, quando os quesitos são mal feitos etc.

Outra hipótese de novo julgamento surge quando o Tribunal de Justiça considera a decisão dos jurados contrária à prova dos autos.

Em todos os casos, o processo é devolvido ao júri, agora composto por jurados que não participaram do primeiro julgamento, para o reexame da causa.

Se a condenação for superior a 20 anos de prisão, os réus têm direito de protestar pela realização de um novo júri. Basta o protesto, não é preciso justificativas. Tal recurso tem fundamento humanitário. Dá nova oportunidade aos condenados.

LUÍS FRANCISCO DA SILVA CARVALHO FILHO, 33, é articulista jurídico da Folha e sócio do escritório Dias, Penabaz de Moraes e Carvalho Filho - advogados.

Saiba como os jurados tomam a decisão final

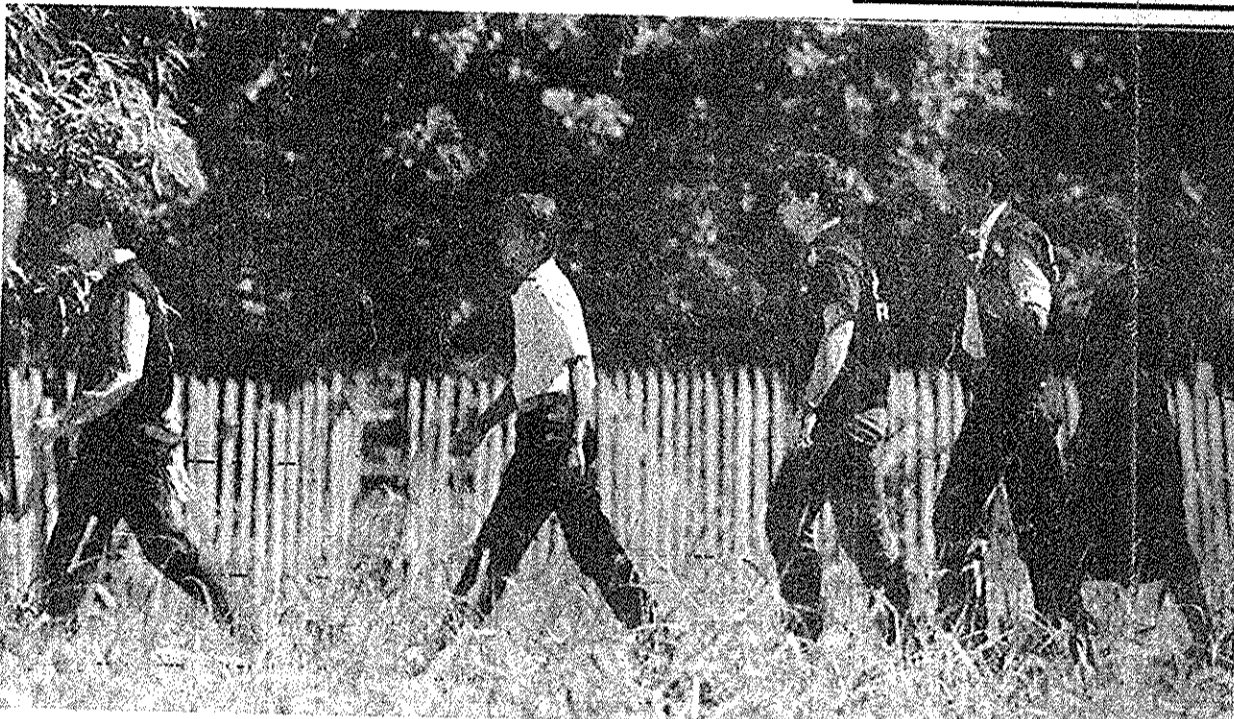
Do enviado especial

Após os debates entre a acusação e a defesa, o julgamento entra na reta final. O juiz formula em público os quesitos que devem ser respondidos pelos sete jurados. São perguntas versando sobre o assassinato, as teses de defesa e acusação, causas de aumento e diminuição da pena. É uma série de quesitos para cada réu.

Os quesitos são respondidos pelos jurados numa sala secreta. Onde não há sala secreta, o juiz determina a retirada da platéia. A etapa é acompanhada pelo promotor, pelo assistente de acusação e pelos advogados. Os réus não participam, ficam isolados.

Os jurados respondem aos quesitos um a um. Decidem por maioria dos votos. O juiz não pode influenciá-los. Recebem cédulas com as inscrições "sim" e "não". Exemplo: O réu disparou arma de fogo contra a vítima, causando-lhe os ferimentos descritos no laudo? Se a resposta for não, o réu é absolvido. Se a resposta é sim, o questionário continua. Outro quesito: Tais lesões causaram a morte da vítima? Se a resposta for afirmativa, novas perguntas vão sendo formuladas sobre todas as circunstâncias capazes de influir na pena.

Com a resposta dos jurados, o juiz tem o esqueleto da decisão. É a partir dos quesitos que produz uma sentença absolutória ou condenatória. Neste caso, o juiz estabelece a pena de prisão que será cumprida. (LFCF)



A testemunha-chave, Genésio, se encaminha para o fórum para depor, acompanhado por policiais

"Darly chegou correndo à casa e disse ao pai: O homem tá morto"

Do enviado especial a Xapuri

Na primeira parte de seu depoimento, respondendo perguntas feitas pelo juiz Longuini, Genésio Ferreira da Silva dissertou por cerca de três horas. Várias vezes a platéia chegou a rir, quando ele começava a descrição de mais um crime cometido por moradores da fazenda Paraná, onde morava.

Genésio disse que, no dia em que morreu Chico Mendes, ouviu Darly chegar correndo à casa principal da fazenda Paraná. Estava deitado em seu quarto, e ouvia pelas frestas da parede de madeira a conversa de quem estava no terraço da casa.

Darly esperava o filho, que chegou falando: "O homem tá morto". Não se lembra como ele chegou, mas acha que foi a pé. Darly estava acompanhado de um empregado da fazenda, um dos três irmãos Mineirinhos. Era "Serginho", apelido de Jandair Pereira, outro acusado pela morte de Chico Mendes.

O pai imediatamente respondeu: "Amanhã mesmo, a vaca já tá presa, a gente vai matar pra comer o churrasco", descreve Genésio. Na conversa, ouvida também por Alvarino Alves, irmão de Darly, por Olocy, filho de Darly, e pelos outros dois Mineirinhos (irmãos de "Serginho", Amadeu e Francisco), Darly disse que foi o autor do tiro. Em poucos minutos, Darly foi embora e os outros o seguiram. Ele já estava foragido, fugindo de uma ordem de prisão. Aparecia em casa só de vez em quando.

No dia seguinte, pela manhã, a vaca foi morta. Darly não comeu. Pegou pedaços de carne e sumiu. "Ele estava com muita pressa", disse Genésio. Em seguida fugiu pro mato. O almoço foi servido e ninguém tocou no assunto, nem mesmo no fato de que várias pessoas da família estavam se escondendo na mata dentro da fazenda. "Quem almoçou?", pergunta o juiz Longuini. "Eu, Darlyzinho, a mulher do Darly e os filhos pequenos. Darly veio pegar a carne e saiu na mesma hora, com uma sacola", respondeu Genésio.

"Na casa, comentaram alguma coisa?" Não. Ficou tudo quieto como se não tivesse acontecido nada. Darly e Mineirinho saíram a pé, rapidamente, atravessaram a estrada que fica a poucos metros da sede da fazenda, e foram para outro trecho de mata, dentro da fazenda. Depois disso, Genésio contou que nunca mais viu Mineirinho e Darly.

Antes da morte de Chico Mendes, Genésio disse que já sabia que o líder estava marcado para morrer. "Eu ouvia escondido. Eles conversavam que tal dia iam fazer tocaia lá. Darly, Darcy, Olocy e os Mineirinhos planejavam a morte de Chico Mendes".

No dia seguinte ao assassinato, depois do churrasco, Genésio foi para Xapuri, onde foi preso pela Polícia Militar. "Eu estava no mercadinho dos colonos. Já era conhecido da polícia daqui, porque tinha sido preso uma outra vez". Na primeira prisão, em que passou uma noite na cadeia, Genésio estava bebendo sozinho à

noite. Da segunda vez, a prisão foi decorrência do caso Chico Mendes, quando vários moradores foram presos para interrogatório, a polícia tentando obter o paradeiro de Darly.

"Quando você foi preso, o corpo já tinha sido enterrado?", perguntou o juiz. "Não, eu vi o corpo dele que tava na Igreja", disse Genésio.

Nesse momento, o menino se confundiu. Respondendo a perguntas minuciosas do juiz sobre os dias após a morte de Chico Mendes, ele afirmou que o churrasco havia sido na manhã seguinte, que no mesmo dia veio a Xapuri e que foi preso na manhã posterior. Que disse ser um domingo. Como Chico Mendes tinha sido morto na quinta-feira, o churrasco teria que ser na sexta, para ser no dia seguinte. E, portanto, a prisão no sábado, véspera de Natal. E não no domingo.

Genésio diz que os filhos de Darly sempre andaram armados. Normalmente com revólveres. Mais raramente, com espingardas.

Depois Genésio narrou, sempre respondendo a perguntas do juiz, sete outros crimes cometidos por gente da fazenda, muitos deles descritos como consequência de pequenas futilidades. Quando sentia satisfeito com a narrativa de um crime, o juiz perguntava: "O que mais você sabe?". Por sete vezes ele narrou crimes que presenciou ou ouviu um dos envolvidos descrever. (LS)

Veja os crimes apontados por Genésio

Do enviado especial

Estes são os crimes nos quais Darly estaria envolvido, segundo descrição de Genésio:

1. Os bolivianos - Dois homens descritos como bolivianos andavam a pé pela estrada que liga Brasília a Xapuri. Bateram na casa dos Mineirinhos (Amadeu e Serginho) para pedir água. Retomaram a marcha, foram abordados por Darly, Olocy, Amadeu e Serginho, que queriam ver o que levavam na bolsa. "Subi num mouro de cerca e escutei dois tiros. Fui a cavalo ver os corpos, que estavam em forma de cruz."
2. Raimundo - "Mataram o Raimundo, que trabalhava lá. Foi Darly, Olocy, dois Mineirinhos e o primo do Darly, filho do Dari. Eu tava andando a cavalo, o

3. Caveira - "Um dia eu encontrei uma caveira, a uns 1.500 metros da fazenda."
4. Zeca - "Eu vi matar o Zeca. Era um amigo meu, só que roubava muito." (Quem matou?) "Darly, Darcy e Olocy. Ele tinha roubado 200 litros de veneno. Darly não sabia que era roubado. Vi o Zeca vendendo pra ele. Aí o Darly disse pro Darly que era roubado. Mataram o Zeca."
5. Ivair - "Mataram o Ivair. Serginho, Amadeu, Darcy, Olocy, Darly e Tijim (filho de Alvarino). Darly saiu de carro, passaram na casa dos dois Mineirinhos e pegaram ele. Disseram que ele tava perturbando a vida na terra deles em Brasília."

6. Desconhecido em Xapuri - "O Serginho matou um. Estavam na festa no salão Waldemar do Darly, Olocy e os três Mineirinhos. Vi quando o Serginho foi pegar a mulher de um cara, o que morreu, pra dançar. Aí o que morreu deu um soco no olho dele. O Olocy disse que quem bate em amigo dele morre. O Serginho me contou que uma semana depois matou o cara."
7. Valcir - "Mataram o Valcir. Ele era garimpeiro. Pediu serviço e o Darly deu. Depois mataram ele dentro da fazenda. Tacaram fogo nele."
8. IBDF - Genésio disse sabido que os irmãos Darcy e Olocy deram tiros contra seringueiros que tomavam a sede do IBDF em Xapuri.

Assassinato de outro sindicalista foi aviso

EMANUEL NERI
Enviado especial a Xapuri

Os seringueiros de Xapuri entendem que o assassinato do sindicalista Ivair Higinio de Almeida, no dia 25 de junho de 1988, era uma espécie de aviso a Chico Mendes. "É como se eles dissessem: ou vocês param ou o próximo será o Chico", disse ontem o vereador Júlio Nicácio (PT). Em seu depoimento, o garoto Genésio afirmou que Ivair foi morto com uma "chuva de balas".

Nicácio disse que o corpo de Ivair ficou irreconhecível. Até um balde que ele usava para tirar leite, que ele utilizou para proteger a cabeça na hora do crime,

ficou totalmente perfurado de balas. Ivair, de 26 anos, foi morto às 5h, próximo à casa em que morava, na estrada entre Xapuri e Brasília. No local do assassinato, segundo Nicácio, foram encontrados cinco cartuchos de espingarda e dezenas de balas.

Além de delegado de base do Sindicato de Xapuri, Ivair era monitor da Igreja local. Mas não tinha tido nenhum tipo de atrito com a família Alves da Silva. Darly resolveu mandar matá-lo, segundo Genésio, porque ele era "puxa-saco de Chico Mendes". Chico Mendes estava em Rio Branco na morte de Ivair.

Depoimento de escrivão contesta versão de Darly

Do enviado especial a Xapuri

O depoimento de Raimundo Dias de Figueiredo, ex-escrivão do fórum de Xapuri, também lança suspeita sobre o fazendeiro Darly Alves da Silva. Antes da morte de Chico Mendes, Darly procurou Figueiredo para saber se uma carta precatória da Justiça de Umuarama (PR), pedindo a sua prisão, havia chegado.

Em seu depoimento, Figueiredo revelou que o fazendeiro sabia que a carta precatória havia chegado ao Acre através de Chico Mendes. "Ele pode aguardar o que irá acontecer com ele", disse Darly, segundo Figueiredo. O

Jornais franceses acham que réu fez 'encenação teatral'

MARIO ANDRADA E SILVA
De Paris

Três jornais franceses usaram a mesma expressão, "encenação teatral", para descrever a confissão de assassinato de Darcy Alves Pereira, feita durante o primeiro dia do julgamento dos acusados pela morte do ecologista e líder sindical Chico Mendes.

O jornal "Libération" acompanha o julgamento com um enviado especial a Xapuri. Já o "Le Monde" usa seu correspondente do Rio de Janeiro, enquanto o "L'Humanité", órgão oficial do Partido Comunista francês, se apóia no serviço da agência de notícias France Presse.

Os três diários preocupam-se em explicar aos leitores franceses que a confissão de Darly pbde e deve ser uma estratégia para livrar seu pai, Darly Alves da Silva, acusado de ser o mandante do crime. O "Le Monde" e o "Libération" chegam a ironizar o comportamento "algumas vezes ridículo", de Darly, na tentativa de se mostrar distante do crime.

O noticiário do "processo de Xapuri", como é chamado pelos jornais, ocupa meia página no "L'Humanité", metade da parte superior de uma página no "Le Monde" e um quarto de página no "Libération".

Os dois jornais com repórteres no Brasil dizem que a principal "vedete" do julgamento, a partir de agora, é a testemunha Genésio Ferreira da Silva que, segundo o "Le Monde" está sendo protegida por 14 policiais.

mandado de prisão era referente ao envolvimento de Darly na morte do agricultor Acir Urizzi, em 1973, em Umuarama.

Na conversa que manteve com Figueiredo, Darly afirmou que uma fotocópia da carta precatória estava com Chico Mendes. Os sindicalistas de Xapuri davam outra versão para esse episódio, segundo a qual o primeiro depoimento de Figueiredo, na polícia, afirmava que Darly teria contado que soube da carta através da PF. Ao deixar o Fórum, depois de seu depoimento, Figueiredo disse desconhecer essa versão.

Protesto em PE marca enterro de sindicalista

Da Sucursal de Recife

O corpo do sindicalista José Hélio da Silva, 27, assassinado anteontem com um tiro de espingarda calibre 12, em uma emboscada em Joaquim Nabuco (125 km de Recife-PE), foi enterrado ontem em Palmares, sob protesto de 800 camponeses, que pediam o fim dos conflitos no campo. A direção do Sindicato Rural de Palmares, do qual José Hélio foi assessor político, decidiu aguardar a presença do deputado federal eleito Miguel Arraes (PSB), 74, a quem apoiou nas últimas eleições. O ex-governador, aplaudido ao entrar no velório, previu o "acirramento dos conflitos no campo em todo o país" em decorrência da "crise econômica".

O diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, telefonou anteontem à tarde à Superintendência da PF em Recife, pediu atenção às repercussões do assassinato e acompanhamento, à distância, da necropsia feita pelo IML e abertura de inquérito.

O presidente do sindicato de Palmares, João Lucas, 44, disse que as ameaças de morte a José Hélio não pararam numa carta anônima do dia 9 de maio deste ano. O padre José do Patrocínio dos Santos, pároco de São Benedito e Guipapá, advogado e assessor jurídico de sindicatos rurais e membro da Comissão de Direitos Humanos da Diocese de Garanhuns, não tem mais local certo para dormir, conta João Lucas. "Ele é o primeiro na lista dos ameaçados de morte", disse.